

Carvalho, Isabel Cristina Moura. Educação, Natureza e cultura: ou sobre o destino das latas. IN: ZARZKZEWSKI, S.; BARCELOS, V. (ORGS) *EDUCAÇÃO AMBIENTAL E COMPROMISSO SOCIAL: PENSAMENTOS E AÇÕES*. EREXIM, EDIFAPES, 2004. PP 163-174.

EDUCAÇÃO, NATUREZA E CULTURA: OU SOBRE O DESTINO DAS LATAS¹

Isabel Cristina de Moura Carvalho²

“Essas latas têm que perder, por primeiro, todos os ranços (e artifícios) da indústria que as produziu. Segundamente, elas têm que adoecer na terra. Adoecer de ferrugem e casca. Finalmente, só depois de trinta e quatro anos elas merecerão de ser chão. Esse desmanche em natureza é doloroso e necessário se elas quiserem fazer parte da sociedade dos vermes. Depois desse desmanche em natureza, as latas podem até namorar com as borboletas. Isso é muito comum. Diferentes de nós, as latas com o tempo rejuvenescem, se jogadas na terra. Chegam quase até de serem pousadas de caracóis. Elas sabem, as latas, que precisam chegar ao estágio de uma parede suja. Só assim serão procuradas pelos caracóis. Sabem muito bem, essas latas, que precisam da intimidade com o lado obscuro das moscas. Ainda que elas precisam de pensar em ter raízes para que possam obter estames e pistilos. A fim de que um dia elas possam se oferecer às abelhas. Elas precisam de ser um ensaio de árvore a fim de comungar a natureza. O destino das latas também pode ser pedra. Elas não de ser cobertas de limo e musgo. As latas precisam ganhar o prêmio de dar flores. Elas têm que participar dos passarinhos. Eu sempre desejei que as minhas latas tivessem aptidão para passarinhos. Como os rios têm, como as árvores têm. Elas ficam muito orgulhosas quando passam do estágio de chutadas nas ruas para o estágio de poesia. Acho esse orgulho das latas muito justificável e até louvável.”(Manoel de Barros)

1 Subsídio para o II Simpósio de Pesquisa em EA da Região Sul. Mesa: Educação ambiental e estudos culturais. 06/10/2004.

2 Psicóloga, doutora em educação, professora do PPGEDU da ULBRA, RS.

O destino das latas, capturado pela poesia de Manoel de Barros, nos transpõe para o coração da relação natureza e cultura. As latas inventadas pelo poeta, e por isso verdadeiras, nos falam de nosso próprio destino. Ou, pelo menos, do destino deste encontro entre seres diferentes que se entrelaçam um no mundo do outro, sem perder a irredutível alteridade que é o que, afinal, sustenta tomarmos esta relação como um encontro. O que se evidencia, na poesia e na vida, é que a natureza do humano inclui uma capacidade, que é a de instaurar sentidos no mundo.

Assim, se existe algo de intrinsecamente humano é a cultura. Cultura entendida aqui como dotação de significados, ou seja, atribuição de sentidos às ações, sensações, emoções, e a todas as relações imediatas que os humanos, estabelecem com o mundo material — orgânico ou construído. Neste sentido, pode-se pensar a relação natureza e cultura onde a natureza é um *Outro* que, ao mesmo tempo, inclui o humano sem subsumi-lo completamente ao universo biológico não humano. Assim, nesta posição de seres híbridos, ou seja, ao mesmo tempo semelhantes e diferentes de uma natureza estritamente biológica, nascem as condições para um permanente diálogo caracterizado pela tradução cultural do mundo natural. Neste diálogo inscrevemos as condições naturais em que vivemos em nosso mundo de significados, transformando a natureza em cultura, conhecimento, fonte de vida material e simbólica, ao mesmo tempo em que reencontramos a natureza em nós.

Uma importante reflexão sobre as relações natureza e cultura tem sido feita por Mauro Grün. Este prefere o conceito de *outridade* para caracterizar a relação natureza e cultura (Grün, 2003). Ele toma a natureza como o Outro que se dirige a nós e esta postura tem como consequência ética, a retomada da tradição dialética grega, o reconhecimento da *dignidade das coisas*. Para Grün, a relação humanos natureza é dotada de uma tensão entre pertencimento e diferença:

A linguagem é fundamental para compreender a nossa relação com a Natureza. Através da linguagem podemos compreender que não estamos fora da Natureza como apregoava Descartes. Tampouco estamos totalmente imersos na Natureza como implicam algumas leituras da Ecologia Profunda. Uma compreensão hermenêutica nos leva a perceber o que poderia ser uma relação ecológica entre seres humanos e Natureza. Seria uma relação na qual nós participamos na Natureza e a Natureza participa em nós, como dois círculos concêntricos. Esse tipo de compreensão nos permite estabelecer “Tecnologias de Aliança” com a Natureza para nos aproximarmos dela e, ao mesmo tempo, manter sua outridade sempre respeitada. E nesse tipo de encontro saímos ambos modificados, nós e a Natureza (Grün, 2003:6)

Concordamos sobre a tensão instauradora da relação do mundo humano e do mundo natural e pensamos que é esta diferença que nos faz humanos. Seres cuja natureza é produzir cultura, atribuindo sentidos a esta diferença. Destacamos ainda a importância da linguagem lembrada por Grün, como meio, por excelência, onde o mundo se torna inteligível. Uma esfera polissêmica, pois, como sabemos, não existe uma única tradução ou versão das coisas, mas, como na poesia, há sempre muitos sentidos possíveis e plausíveis.

O ambiente cultural da educação ambiental: a leitura do mundo

A educação é parte da ação humana de tornar inteligível a existência, dotando de sentido os ambientes de vida. A educação produz cultura e transforma a natureza, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão e da experiência humana. Desde esse ponto de partida, poderíamos dizer que o ambiente que nos cerca está sendo constantemente lido e relido por nós. Essa leitura é determinada em grande parte pelas condições históricas e culturais, ou seja, pelo contexto, que vai situar o sujeito e ao mesmo tempo disponibilizar sentidos para que a leitura se torne possível e plausível. Se examinarmos atentamente, constataremos que lemos e interpretamos o mundo e a nós mesmos todo o tempo, seja quando observamos nosso entorno já

conhecido, seja quando deparamos com uma nova paisagem, seja ainda quando algo se altera em nosso ambiente.

Nesse sentido, a interação com o ambiente ganha o caráter de inter-relação, na qual aquele se oferece como um contexto do qual fazemos parte, envolvidos que somos pelas condições ambientais, ao mesmo tempo em que nós, como seres simbólicos e portadores de linguagem, produzimos nossa visão e nossos recortes dessa realidade, construindo percepções, leituras e interpretações do ambiente que nos cerca. Assim, inscrevemos as condições naturais em que vivemos em nosso mundo de significados, transformando a natureza em cultura. Essa relação dinâmica de mútua transformação entre humanos e natureza organiza-se como um círculo que nunca se fecha e que, diferentemente do círculo vicioso da repetição, se apresenta como *virtuoso*, no sentido de sempre estar aberto para novos desdobramentos desse encontro, produzindo continuamente ambientes de vida e de cultura.

Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro *Educação como cultura*, discute de forma muito apropriada a delicada e complexa imbricação entre natureza e cultura que faz do ser humano uma espécie particular, um ser gerado nessa, para não dizer *por essa*, fronteira. Destarte, nós, humanos, somos ao mesmo tempo natureza e cultura, seres por onde a natureza se transforma continuamente em cultura. Como nos diz o autor:

Tal como os outros seres vivos com quem compartilamos a mesma casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas e com as mesmas combinações de matérias e energias que movem a Vida e os astros do universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, como o vento, sustenta o vôo dos pássaros, em outra dimensão da existência impele o vôo de nossas idéias, isto é, dos nossos afetos tornados os nossos pensamentos. Não somos intrusos no Mundo ou uma fração da Natureza rebelde a ela. Somos a própria, múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da Vida: a vida humana (2002: 17).

Paulo Freire também se preocupou com a compreensão da mediação entre natureza e cultura como condição para o processo de aprendizagem:

E nos pareceu que a primeira dimensão desse novo conteúdo com que ajudaríamos o analfabeto, antes ainda de iniciar sua alfabetização (...) seria o conceito antropológico de cultura, isto é, a distinção entre estes dois mundos: o da natureza e o da cultura; o papel ativo do homem na sua realidade e com a sua realidade; o sentido de mediação que tem a natureza para as relações e a comunicação do homem; a cultura como o acréscimo que o homem faz ao mundo que não criou; a cultura como resultado de seu trabalho, de seu esforço criador e recriador (1981:70).

Seguindo a tradição freireana e a concepção de aprendizagem ai inscrita, poderíamos dizer que a pretensão de uma formação — que também se poderia chamar *alfabetização* — ambiental estaria vinculada a uma leitura do mundo que não silenciasse sobre a natureza e o ambiente nem renunciasse a dimensão cultural que constitui o acesso humano a natureza e ao ambiente. Uma educação ambiental que assumisse esta condição de prática cultural poderia reivindicar, inspirada Paulo Freire, sua ação como um acréscimo de sentido que o sujeito humano faz ao mundo que não criou, mas que recria continuamente, no sentido material e simbólico. E isto é bastante diferente da pretensão da chamada alfabetização ecológica proposta por Capra, que supõe, ao contrário da visão freireana, uma redução do mundo da cultura ao modelo biológico da ecologia, como modelo de interpretação para o mundo humano³.

A educação, desde Paulo Freire, se pensa como parte da ação humana de transformar a natureza em cultura, atribuindo-lhe sentidos, trazendo-a para o campo da compreensão do estar no mundo e participar da vida. O educador, neste sentido, seria, por “natureza” um intérprete. Não apenas porque todos os humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador,

3 Para um aprofundamento das críticas ao reducionismo biológico presente na proposta de Fritjof Capra de alfabetização ecológica, ver Layrargues (2003).

tradutor de mundos. Ele está sempre envolvido na tarefa reflexiva que implica provocar outras leituras da vida, novas compreensões e versões possíveis sobre o mundo e sobre nossa ação no mundo. O importante é lembrar que não há apenas uma leitura sobre dado acontecimento, seja este social ou natural. Sempre podemos repensar, reinterpretar o que vemos e o que nos afeta à luz de novas considerações, do diálogo com nossos interlocutores, de novas percepções e sentimentos e das experiências acumuladas ao longo de nossa trajetória de vida.

Com relação à compreensão da natureza, por exemplo, não se trata de postular sua interpretação como decodificação de uma ordem natural, entendida como verdade subjacente a todo acontecimento. A idéia de interpretação não remete à de decodificação ou de descoberta de um sentido preexistente, mas traz sempre a possibilidade de nova leitura possível, sem supor a revelação de somente um sentido autêntico ou de uma univocidade escondida no fenômeno interpretado. Assim, a interpretação fala tanto do fenômeno interpretado quanto do mundo da vida e do universo cultural do sujeito que interpreta. Interpretar, nesse sentido aproximar-se-ia mais da experiência do artista — ou seja, de uma interação criativa que leva as marcas de seu intérprete e de sua visão de mundo — do que de um cientista empiricista, que persegue a verdade última escondida atrás dos fenômenos, oculta apenas pela ignorância do conhecimento humano.⁴

A idéia da leitura como processo de aprendizagem do mundo e de si mesmo e, portanto, de produção de sentidos, com base em uma permanente interação criativa entre o sujeito e o mundo, é parte da tradição educativa brasileira, deixada por Paulo Freire. Na perspectiva freireana, a experiência do mundo não é transparente, isto é, não é igual para todos, pois o real não se impõe como algo já dado, mas resulta das relações que cada grupo ou indivíduo estabelecem em seus contextos sociais e culturais. A aprendizagem é sempre um ato criador, mediante o qual se produzem novos sentidos culturais e a

4 É preciso ressaltar que essa postura objetivista não cobre todo o campo científico, pois nele há muitos pesquisadores que reconhecem que não há ciência neutra e que a produção do conhecimento está marcada pelas condições sócio-históricas e culturais de quem o produz.

autocompreensão do sujeito. Para Paulo Freire, a aprendizagem muda o sujeito e seu campo de ação, ao lhe conferir a possibilidade de novas leituras do mundo e de si mesmo. Essas idéias estão na base de seu consagrado método de alfabetização:

O analfabeto aprende criticamente a necessidade de ler e escrever. Prepara-se para ser o agente desta aprendizagem e consegue fazê-lo na medida em que a alfabetização é mais do que o simples domínio mecânico das técnicas de ler e escrever. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de seu universo existencial — coisas mortas ou semimortas — *mas uma atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto (Freire, 1981: 72, grifo meu).*

É interessante destacar o quanto as palavras de Paulo Freire de 1981 seguem atuais mais de 20 anos depois, tendo muito a dizer para a educação ambiental em 2004. A referência a uma educação enquanto criação e recriação, isto é, autoformação e ao mesmo tempo transformação do ser humano sobre seu contexto, traz uma importante contribuição para fundamentar conceitualmente uma educação ambiental crítica.

Os rastros da natureza no humano e as pegadas humanas na natureza: pistas para uma educação ambiental interpretativa

A EA fomenta sensibilidades afetivas e capacidades cognitivas para uma leitura do mundo do ponto de vista ambiental. Dessa forma, estabelece-se como mediação para múltiplas compreensões da experiência do indivíduo e dos coletivos sociais em suas relações com o ambiente. Esse processo de aprendizagem por via dessa perspectiva de leitura dá-se particularmente pela ação do educador como intérprete dos nexos entre sociedade e ambiente e da EA como mediadora na construção social de novas sensibilidades e posturas éticas diante do mundo.

No universo daquilo que chamamos de “ambiente”, é muito freqüente o foco do trabalho pedagógico recair sobre as interações com o ambiente natural, seja buscando sua compreensão biológica/ física, seja problematizando os impactos da ação humana sobre a natureza. Em ambos os casos, corre-se o risco de tomar a tradição naturalista como matriz explicativa e reduzir o meio ambiente à natureza — nesse caso, vista como o espaço do natural, em contraposição ao mundo humano.

Em suma, nesse mundo de ordem natural autônoma e da realidade puramente objetiva não há lugar para educadores e aprendizagens processuais, significativas, reflexivas, críticas. Não há lugar para processos de construção do conhecimento baseados no encontro do sujeito com o mundo. A aprendizagem como ato dialógico requer a compreensão das mútuas relações entre a natureza e o mundo humano. Um ecossistema, mesmo enquanto patrimônio ambiental preservado, nunca é uma bolha autônoma e independente das interações e mediações culturais que desde tempos imemoriais têm atribuído sentidos diversos à natureza. A própria definição de patrimônio natural e as políticas de conservação fazem parte de um ambiente histórico em que um ecossistema passa a ser considerado um bem de interesse público.

O mergulho no diálogo entre sociedade e natureza, tomado como uma interação permanente em que as partes se modificam mutuamente, possibilita uma compreensão dinâmica dessa relação. Ao privilegiar a compreensão do humano nas interações com a natureza, não quer dizer instituí-lo no alto de uma razão observadora e decodificadora. Bem ao contrário desta visão objetivista — de acordo com a qual interpretar o meio ambiente seria captá-lo em sua realidade factual, descrever suas leis, mecanismos e funcionamento —, trata-se, segundo uma concepção interpretativa, de evidenciar os horizontes de sentidos histórico-culturais que configuram, em um tempo específico, as relações de determinada comunidade humana com o meio ambiente⁵.

⁵ A base conceitual desta concepção de interpretação que aplicamos à educação ambiental está na obra do filósofo Hans George Gadamer, autor de

Com isso, o que se está abandonando é um conceito *realista* ou *naturalista* de meio ambiente, que reduz o ambiente as suas condições físicas e biológicas de existência, renunciando a riqueza da dimensão cultural e social do ambiente. Educar torna-se, nesse ponto de vista, uma aventura pela qual o sujeito e os sentidos do mundo estão se constituindo mutuamente na dialética da compreensão/ interpretação. O educador, enquanto um *sujeito-intérprete*, estaria em posição de diálogo, com a abertura que isto requer, diante do mundo tomado como um texto, mergulhado na polissemia e na aventura de produzir sentidos culturais, desde seu horizonte histórico.

Referências bibliográficas

BARROS, Manoel. *Memórias inventadas: a infância*. Rio de Janeiro: Planeta, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

GADAMER, H. G. *Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

GRÜN, Mauro. A outridade da natureza na educação ambiental. Texto apresentado no GE de Educação Ambiental na 27ª. Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação em Outubro de 2003.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Determinismo biológico: o desafio da alfabetização ecológica na concepção de Fritjof Capra. Texto apresentado no GE

referencia para a hermenêutica moderna. Para conhecer seu pensamento ver Gadamer, 1998.

de Educação Ambiental na 27^a reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação em Outubro de 2003.